
**MEMÓRIA, ESPAÇO E A NECESSIDADE DE NARRAR A
HISTÓRIA DOS VENCIDOS NO ROMANCE *PONCIÁ VICÊNCIO***

Patricia Maria dos Santos Santana (UFRJ)

Resumo: O presente trabalho tem por objetivo analisar a obra *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo no que tange a representação do negro no romance. A autora é uma espécie de porta-voz das inquietudes que assombram a mencionada etnia. Oriunda do sofrimento desse povo, Evaristo sabe demonstrar, melhor do que ninguém, a dor que sentem. Através do livro, a autora exige, assim, um melhor cuidado social para essa etnia tão rica de valores e tão valente.

Palavras-chave: Negritude. Espaço. Memória. Identidade.

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades.

Neuza Santos Souza, *Tornar-se Negro*

Em relação à intenção ideológica da escrita, existe uma colocação muito boa de Antônio Candido (2000) que afirma que a literatura negra é aquela que trafega na contramão. Para o autor, esta é uma literatura saída da revolta contra a situação de marginalidade à qual sempre foi condenada. Todavia, atualmente ela mesma parece tomar partido dessa situação fazendo uma reconstrução da imagem do negro de forma bastante positiva. Octavio Paz (1982) pontua que é como se os signos estivessem em perpétuo movimento de rotação, considerando que os símbolos que nos exilam podem ser os mesmos que nos constituem em nossa formação humana. O exercício de um recentramento cultural é o principal componente das literaturas negras, independentemente da língua através da qual se exprimam ou do país de onde elas surgem. Em nosso trabalho, mostraremos a autora Conceição Evaristo preocupada em marcar, através de sua escrita, toda a hipocrisia da sociedade que a rodeia. Problemas são apontados para serem debatidos e sanados e a literatura é uma arma poderosa para assumir o papel de denúncia ao que não nos satisfaz. Ela é uma forma de reagirmos à

insatisfação e nos permite fazer com que outras pessoas percebam fatos que já notamos, mas que talvez não estejam muito claros a todos.

Conceição Evaristo é uma escritora que aposta no poder de esclarecimento pela literatura. A estrutura da obra *Ponciá Vicêncio* considera questões relacionadas à identidade feminina e à identidade étnico-racial, pontuando também, na composição da narrativa, os valores e as visões que negros e negras atribuem a si mesmos. A autora nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 1946, e veio para o Rio de Janeiro em 1973. Formou-se em Letras pela Universidade Federal Do Rio de Janeiro. É Mestre em Literatura Brasileira e doutora em Literatura Comparada. Evaristo é uma mulher que acredita em sua etnia. Nos anos oitenta, quando a igualdade racial encontrava-se em debate, a autora começou a participar com o envio de seus poemas à série Cadernos Negros, em São Paulo. Também nesse momento, Conceição Evaristo participou das atividades reivindicadoras do grupo Quilombhoje. A autora abraçou a causa de sua raça, procurando desfazer o estereótipo do povo negro na sociedade brasileira. Contudo, a proposta maior de sua escrita era não esquecer o passado real vivido e nem a opressão sofrida. Essa fidelidade ao que foi vivido e sentido em seu âmago é a proposta latente da luta de diversos autores afro-brasileiros que pretendem mudar o mundo no qual vivem. Conceição Evaristo é uma dessas autoras. O romance *Ponciá Vicêncio* procura manter-se sempre fiel à proposta de uma luta ideológica.

Memória, Espaço e identidade na visão dos vencidos

A literatura feminina no Brasil apresenta-se bastante engajada com as causas que lhe tocam e as bandeiras da negritude se tornaram importantes para escritoras preocupadas em estabelecer uma conexão entre as linhas das obras literárias e a sociedade contemporânea. Baseada na própria existência e experiência de vida, ou melhor, em sua condição pessoal de mulher brasileira negra, Conceição Evaristo parece acreditar que a literatura é um desses caminhos primordiais de se tentar mudar o mundo. A obra de Evaristo é uma espécie de voz dada aos excluídos da história de nossa terra.

O estudioso Alfredo Bosi (2008) aponta que a maneira mais significativa de analisarmos a relação entre o excluído e a escrita consiste num processo específico: “*Em vez de tomar a figura do homem sem letras como objeto, procura-se entender o pólo oposto: o excluído enquanto sujeito do processo simbólico*”. (BOSI, p. 259 - 261) Levando em consideração as recomendações de Bosi, entendemos a escrita de Evaristo

como um verdadeiro artifício de uma excluída ao exercício de sua cidadania, abrindo caminho para a cidadania de seus contrterrâneos étnicos. A memória é a peça chave para expor a realidade presente de determinado povo:

A verdade é que a memória não consiste, em absoluto, numa regressão do presente ao passado, mas pelo contrário, num progresso do passado ao presente. É no passado que nos colocamos de saída. Partimos de um “estado virtual”, que conduzimos pouco a pouco. Através de uma série de planos de consciência diferentes, até o ponto em que ele se torna um estado presente e atuante, ou seja, enfim, até esse plano extremo de nossa consciência em que se desenha nosso corpo. (BERGSON, 1999, p. 279)

O espaço é reconhecido como essencial à criação da identidade do ponto de vista de diversos estudiosos. A essa reflexão do espaço também subentendemos uma leitura das condições sociais e humanas dos indivíduos. A centralidade do lugar e do espaço para o entendimento do dia a dia de nossas vidas, tem se tornado um tema emergente e recorrente na teorização das ciências sociais. É no espaço de conflito que as relações ideológicas e de poder acabam surgindo de forma a possibilitar a investigação de representações identitárias. A relação social em sua intencionalidade é vista a partir de uma específica leitura do espaço.

Hall (2000, p.109) nos diz que as identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com o qual elas continuariam a manter uma determinada correspondência. Essas identidades se relacionam com a questão da utilização dos recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. A memória histórica constitui um fator de identificação humana, é a marca ou o sinal de sua cultura. Reconhecemos nessa memória o que nos distingue e o que nos aproxima. Identificamos a história e os seus acontecimentos mais marcantes, desde os conflitos às iniciativas comuns. E a identidade cultural define o que cada grupo é e o que nos diferencia uns dos outros.

Para Wehling (2003, p. 13), a memória do grupo, sendo a marca ou sinal de sua cultura, possui algumas evidências concretas. A primeira e mais penetrante dessas finalidades é a da própria identidade. A memória do grupo baseia-se essencialmente na afirmação de identidades. Apenas mostrando a real condição de seu povo escravizado e, posteriormente, “liberto” é que a autora consegue revelar a sua indignação e revolta. Através do contraste fundamental do livro, ou seja, a vida dos descendentes africanos no Brasil sob o domínio da escravidão e a vida desse mesmo povo já liberto, porém levando

uma vida com as mesmas condições de domínio e desprezo, é que Conceição Evaristo embasa a sua obra, considerando os aspectos relevantes do jogo Passado *versus* Presente. A memória coletiva de seu povo servirá como suporte para dar veracidade aos fatos da vida dos personagens do livro, principalmente à vida de Ponciá Vicêncio, personagem principal da obra. A pseudoliberalidade de um povo que sempre fora escravizado, mesmo após a assinatura da Lei Áurea, torna-se um fator importante para se narrar sobre a história local e fazer uma ponte com o passado histórico.

A história e a memória passaram a se revelar cada vez mais complexas. Lembrar o passado e escrever sobre ele não se apresenta como a atividade inocente que julgávamos até bem pouco tempo. Tanto as histórias quanto as memórias não mais parecem ser objetivas. Tanto em um caso como no outro, os historiadores aprenderam a considerar fenômenos com a seleção consciente ou inconsciente, a interpretação e a distorção. Todavia, o vínculo entre história e memória pode servir como fonte de libertação e não de repetição da opressão já vivenciada por alguns indivíduos ou por alguns grupos. Compreender a história também é ver a mesma pela ótica dos vencidos, pela ótica daqueles que não tiveram a oportunidade de escrevê-la oficialmente. Com isso, Walter Benjamin (1994) prioriza o conceito de rememoração que significa uma ação de transformação ativa do presente pelo passado. Benjamin acredita que situar o passado historicamente não significa conhecer como esse passado realmente foi. O autor trata através de seu texto a existência de um forte conformismo social de se entregar às classes dominantes, como seu instrumento e acrescenta que o historiador tradicional estabelece uma relação de empatia com os vencedores. A história dos vencedores sempre celebrará uma vitória advinda da dominação dos mais fracos e muitos documentos da cultura (documentos, livros, relatos históricos, etc) não passam de meros monumentos da barbárie:

Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um documento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera a sua tarefa escovar a história a contrapelo. (BENJAMIN, 1994, p. 225)

Dentro do poder da história tradicional é que se mostra o jogo do enredo do romance *Ponciá Vicêncio*. Evaristo escolhe mostrar o pensamento tradicional para depois desconstruí-lo com os seus pontos negativos.

Evaristo e a intencionalidade de sua obra

Podemos dizer que o livro *Ponciá Vicêncio* é uma narrativa que visa mostrar a crueldade sofrida por um povo com o propósito de desconstruir o pensamento social vigente. A autora fala por si e pelos seus irmãos de cor. Abraçar essa causa de luta pelos mesmos direitos implica em desfazer o estereótipo do povo negro na sociedade brasileira. Não adianta achar que a escravidão foi abolida em 1888 se o negro continua escravo dessa condição até os dias atuais. Essa pseudoliberalidade é mais cruel que a escravidão que existiu e é essa a argumentação do livro.

No romance *Ponciá Vicêncio*, a mulher negra aparece como protagonista. Em uma narrativa em primeira pessoa, a narradora busca construir, através de suas vivências, uma identidade feminina afro-brasileira. Certos elementos da narrativa contribuirão para elaborar uma memória cultural brasileira que propõe o recontar da história, sob o olhar de um sujeito marcado pela dominação do sistema racista e patriarcal que constitui a nossa sociedade. A obra nos narra pequenos acontecimentos do cotidiano onde a história da personagem central é contada de sua infância até a maturidade, abordando a relação da personagem com o seu meio e com aqueles que a cercam. Destituída de um nome de família, Ponciá nos narra que o Vicêncio de seu nome, e que todos de sua família também adotam, representa um fardo sobre as suas costas. E esse sobrenome se mostra, não em vão, também no título do livro. É um sobrenome herdado do dono de seus antepassados e que substituiu a tradicional tatuagem com o nome do dono no corpo do escravo. O sobrenome Vicêncio se mostrou tão doloroso quanto a tradicional tatuagem que os senhores mandavam fazer nos possuídos. Por toda a vida representará a marca da subalternidade de uma raça. Ponciá não reconhece seu próprio nome e, através de uma postura questionadora que se manifesta já na infância, a protagonista começa a traçar um caminho à procura de si mesma, justamente por sentir-se inferior e desprovida de uma história de vida:

Quando mais nova, sonhara até um outro nome para si. Não gostava daquele que lhe deram. Menina, tinha o hábito de ir à beira do rio e lá, se mirando nas águas, gritava o próprio nome: Ponciá Vicêncio! Ponciá Vicêncio! Sentia-se como se estivesse chamando outra pessoa. Não ouvia o seu nome responder dentro de si. (EVARISTO, 2003, p.16)

Nos sinais de submissão e de ausência de identidade, por nunca ter tido autonomia como ser humano, Ponciá mostra também as inúmeras perdas que sofre ao longo da vida: perdeu avô, pai, teve desaparecidos mãe e irmão; perdeu os sete filhos

que gerou, perdeu sonhos... Conceição Evaristo percorre a vida de Ponciá em seus diversos e mais tristes momentos. Com isso, o leitor se debruça nas agruras de um viver cheio de dor. Ponciá Vicêncio procura se reconstruir (e se encontrar) através da arte: ao moldar o barro com as mãos ela pode se firmar como mulher, como ser humano, fato que nunca tinha lhe acontecido antes.

O livro vai se moldando como pedaços isolados que se unem com um propósito único: mostrar a dor da escravidão na época da própria escravidão e após a mesma. Esses *flashbacks* da narrativa são essenciais para apresentar o que se pretende no livro e formam uma espécie de colcha muito cruel dos retalhos de vida. Assim, passado e presente se entrelaçam na narrativa, resultando em um novo olhar sobre a história, que é ao mesmo tempo vivida e lembrada. Curtas histórias relembradas com a função de chocar o leitor como, por exemplo, a história do avô que perde parte do braço após tentativa de suicídio e que matou a própria esposa após presenciar a venda de quatro filhos mesmo estando em vigência a Lei do Ventre Livre ou a história do pai de Ponciá que ainda menino servia para satisfazer as vontades do filho do dono das terras, tendo que ser o cavalo de brinquedo do filho do patrão e até aparar com a boca a urina do menino mimado que acreditava que o negro era nada. Seu pai foi *pajem do sinhó-moço, escravo do sinhó-moço, tudo do sinhó-moço, nada do sinhó-moço* (EVARISTO, 2003, p.18).

A necessidade do testemunho presente ao longo da obra é a prova viva de que somente quem passa por toda a dor é mais capaz de contar as vivências e mazelas que a mesma lhe causou, principalmente em se tratando do sujeito étnico que sofreu as marcas da exclusão e do preconceito, literalmente, na própria pele. Ponciá Vicêncio será a herdeira da memória de seu povo e de sua família. A personagem incorporará o papel de porta-voz de seus antepassados para mostrar a realidade entre o passado e o presente dos negros em nossa sociedade. Em uma espécie de diálogo constante, Ponciá nos mostra que a opressão e a falta de liberdade não podem nunca reprimir a consciência da pessoa negra.

Todavia, uma questão muito interessante se faz presente na composição da obra: uma certa crença em dias melhores. A personagem segue em busca de melhores dias na cidade apesar de, de fato, não encontrá-los. Infelizmente, ao sair em busca de dias melhores na cidade, acaba em uma favela, ao lado de um marido que a maltrata. Por causa de sua descendência escrava, a existência difícil vai confirmando a dificuldade em

vários setores da protagonista, recheados de discriminação. Essa situação foi atravessada por ela e pelos membros de sua família que também tiveram na busca de melhores condições de vida na sociedade, uma enorme decepção. Sua trajetória do espaço rural para o urbano representa uma condição diaspórica, uma fuga da realidade que ao invés de proporcionar uma realidade melhor, só confirma a dor que os cerca.

Ao longo do romance fica muito claro que questões de gênero e etnia claramente se imbricam. Na arte de modelar o barro, Ponciá se refaz das dores e dos traumas de uma vida injusta. A arte se apresenta como um fator de recuperação e de recriação. Nesse caso, não podemos deixar de tocar na questão religiosa que envolve o barro, aludindo ao fato de Adão ter sido criado do material em si. Na criação com esse material, a personagem procura “renascer” de sua invisível e morta existência. E o trabalho com o barro liga ainda mais a protagonista com sua ancestralidade africana.

A condição diaspórica de Ponciá sempre marcará o que, de fato, ela e os seus possuem em nosso país, ou seja, nada. Ao sair do seu povoado, ela procurava se encontrar na cidade grande, mas não se achou. Viu que a cidade não passa de um mero reflexo da condição de vida escrava que levava no interior, reservando-lhe o que há de pior. Por vez, em seu povoado ela nada possuía e dentro da pseudoliberalidade que recebera, ela continuava escravizada, trabalhando para o enriquecimento do dono das terras. Com isso, retomamos as palavras proféticas de Nêngua Kainda em relação ao destino de Ponciá. A velha negra proferiu que *para qualquer lugar que ela fosse, da herança deixada por Vô Vicêncio ela não fugiria. Mais cedo ou mais tarde, o fato se daria, a lei se cumpriria* (EVARISTO, 2003, p. 60). A herança de Vô Vicêncio representa justamente a decepção e a tristeza de um povo cansado de sofrer. Tudo isso Ponciá herdou. Daí, a personagem se fecha para a vida.

Narrado do ponto de vista dos vencidos e não dos vencedores, o romance de Conceição Evaristo vai ilustrar a proposta defendida por Walter Benjamin. A autora pertence à geração de criadores afro-descendentes engajados na construção de novos paradigmas de expressão e representação culturais. Tais autores comungam da ideia que a literatura precisa passar sabedorias diversas e não apenas entreter. A própria Evaristo profere isto através do livro que analisamos:

Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara pra trás. (EVARISTO, 2003, p. 127)

O negro é, enquanto ser colonizado, definido a partir de uma série de negações e estereótipos. A autora aponta tudo isso para mostrar o sofrimento de um povo que não tem vez, nem lugar. Essa denúncia da literatura em busca de uma identidade étnico-racial está presente para somar e fazer refletir, nas mentes dos leitores, a hipocrisia que nos ronda.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória: Ensaio sobre a relação do corpo com o espírito**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. In: *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2000.

EVARISTO, Conceição. **Ponciá Vicêncio**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2003.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

PAZ, Octavio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se Negro**. RJ: Graal, 1983.

WEHLING, Arno & WEHLING, Maria José. As estratégias da memória social In: **Brasilis - Revista de História Sem Fronteiras**. RJ: Editora Atlântida, Ano 1, nº1, 2003).